



RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

Novas rotas migratórias na rede urbana interiorizada Após anos 2000

New migratory routes in the interior urban network after the year 2000.

Francisco Charles Pereira da Silva

Graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
(UERN) Brasil.

E-mail: franciscochqrles5@gmail.com

Carla Camila Gomes Freitas

Doutoranda pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) Brasil.

E-mail: ccamila2022@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O ato de deslocar-se sempre esteve presente na história da humanidade, em diversos momentos a espécie humana alcançou diferentes lugares do planeta por meio da necessidade de buscar melhores condições de sobrevivência, seja por questões climáticas, políticas ou guerras. Fato é, que com as primeiras cidades modernas a população fixa-se nesses espaços mas precisam continuar se deslocando, mesmo que seja em menores distâncias e com novos objetivos.

A Revolução Industrial marca uma virada nas dinâmicas migratórias, no qual a população deixa o campo para trabalhar na cidade. No entanto, chegando nesse espaço, são destinados para as periferias ou cidades menores próximas. Com a necessidade de acessar serviços no centro, realizavam um deslocamento diário de ida e retorno, próximo de um pêndulo diário. (Sposito, 2008).

No caso brasileiro, a segunda metade do século XX foi marcada pelo intenso processo de urbanização e esvaziamento, até certa medida, do território. Nesse contexto, o país vivenciou uma rápida urbanização e concentração da população para as grandes metrópoles. Ainda há uma discussão bem menos presente, acerca da influência da industrialização, mas é fato que o Brasil, naquele momento, era urbano. (Santos, 2008).

Próximo às décadas de 1990 e 2000 a dinâmica urbana brasileira começa a ganhar novos contornos, a população começa a sair, ainda de forma lenta das metrópoles para as cidades médias e pequenas, que com a expansão do terciário moderno começam a tornar-se atrativas (Santos, 2008). Essa nova dinâmica terciária, influenciada pelas políticas públicas transversais que adentraram o território (Alves, Dantas, Souza, 2018), vão formar novos centros de influência urbanos regionais, reconfigurando e reafirmando novas rotas migratórias em pequenos centros urbanos interiorizados. (Felipe, 2010).

Contudo, o objetivo deste estudo é interpretar como a dinâmica urbana regional interiorizada brasileira se configura após os anos 2000 com as novas rotas migratórias. Na tentativa de alcançar o objetivo foi realizado uma revisão de literatura e documental de trabalhos teóricos e técnicos que se debruçam a algum tempo acerca das dinâmicas urbanas regionais interiorizadas. Para compor o entendimento técnico documental foram utilizadas informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000, 2010, 2022); a Região de Influência das Cidades (Regic, 2007; 2018). E teóricos como Sposito (2008) e Santos (2008) que discutem as condições do território na segunda metade do século XX. Felipe (2010), Bezerra (2016; 2017) e Alves, Dantas e Souza (2018) que pensam uma análise mais próxima da rede urbana interiorizada e as dinâmicas recentes.

Esse campo de investigação das pequenas e médias cidades ainda é recente, portanto, mesmo



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

com os trabalhos que antecedem é importante que sejam realizadas novas investigações, seja de cunho teórico ou metodológico. Ao se debruçar desse tema para algumas pesquisas, novas inquietações parecem surgir, alguns estudos baseados nos estudos da REGIC (2018) criticam o documento por entenderem que a classificação de alguns municípios está abaixo do que sua dinâmica representa. Há, portanto, uma mudança de paradigma, a dinâmica urbana regional está em constante transformação, e estudos que são realizados em um espaço de 10 anos parecem ser insuficiente para entender tão rápida mudança.

Para tanto, além da introdução, o artigo segue a seguinte estrutura: Referencial teórico com discutindo a migração pendular na rede urbana interiorizada, com um breve contexto histórico e uma aproximação conceitual; Possíveis resultados, discutindo as novas rotas migratórias e as dinâmicas urbanas regionais; as considerações finais e referências.

2 MIGRAÇÃO PENDULAR E REDE URBANA INTERIORIZADA

Para a construção da base teórica, foram necessários discutir conceitos estruturantes de migração pendular na rede urbana interiorizada, junto a novas perspectivas históricas e conceituais.

2.1 Contexto histórico

A história do deslocamento populacional não é recente, diversos momentos marcam as complexas redes migratórias a nível nacional e internacional. O Brasil, no século XX, concentrava grande parte da população no campo, até a década de 1960 que a população passa gradualmente a tornar-se urbana. Nos escritos de Lefebvre (2008) o urbano já é uma condição mundial. Ou seja, o mundo naquele momento passava a tornar-se urbano, dadas suas dimensões.

A dinâmica urbana no final do século XX, estava voltada a grandes centros urbanos concentrados principalmente na Região Sudeste, que eram produzidos em função do capital. Esses espaços começaram a formar periferias urbanas em razão do grande contingente populacional, bem como cidades próximas. Os moradores precisavam deslocar-se para acessar estruturas e serviços nos centros das metrópoles, logo, surge um pêndulo diário de ida e volta, esse espaço de fluxo viria a ser chamado de região metropolitana. (Santos e Silveira, 2001).

Esse fenômeno já acontecia na Revolução Industrial, os grandes centros europeus foram pensados para a instalação das indústrias e os moradores se deslocavam em pêndulos diários de ida e volta, formando um fluxo constante. As cidades que compunham a região metropolitana ficaram conhecidas como as cidades dormitórios, ao qual, os trabalhadores deixaram suas residências para trabalhar e retornavam no final do dia para dormir. (Sposito, 2008).

Para as cidades nordestinas, algumas tiveram seu processo de formação voltada ao litoral, que viriam a ganhar representatividade na rede urbana regional e nacional. Exemplos como João Pessoa (Paraíba), Fortaleza (Ceará), Natal (Rio Grande do Norte), Salvador (Bahia), Recife (Pernambuco), Maceió (Alagoas) e etc. Com a expansão de algumas economias tradicionais para o interior e a criação e expansão da agropecuária para o interior, principalmente para o agreste e sertão, as primeiras cidades foram sendo formadas no processo que ficou conhecido como caminho do gado. (Felipe, 2010).

Portanto, com a saída da população das metrópoles para as cidades médias e pequenas, resultado das políticas públicas transversais que adentraram ao território, novos centros começaram a se formar. Felipe (2010) escreve que com a crise das economias tradicionais, novas formas de consumo começam a chegar nas áreas interiorizadas, é a expansão do terciário moderno, que para o interior seria o que se convencionou chamar de “Novo urbano”. Seria para Santos (2008) o fim de



RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

uma mera urbanização da cidade, estamos vendo portanto, uma urbanização do território.

A nova centralidade urbana entre pequenas e médias cidades, têm preponderante representatividade no setor de serviços, aos quais são capazes de influenciar a migração pendular de cidades locais. Alguns desses centros foram posteriormente, após anos 2010, classificados pela REGIC como capital Regional, Centro sub-Regional e centros locais. São esses centros que dinamizam os novos fluxos urbanos, menos estando em espaços distantes, a expansão do consumo parece, tendenciosamente, aproximar as cidades na rede urbana interiorizada.

Realizada as breves considerações históricas, na próxima subseção, será realizada uma tentativa de uma aproximação conceitual do tema.

2.2 Em busca de uma aproximação conceitual

Resultado de todo o processo histórico da dinâmica urbana regional, as novas coexistências territoriais reconfiguraram as novas rotas pendulares, que podem ser entendidas usando as expressões de mobilidade pendular, fluxo pendular, movimento e outros. Normalmente, as dinâmicas migratórias ocorrem em contextos de cidade região, que a cidade oferece estruturas e serviços que dinamizam os fluxos pendulares de pequenos municípios. (Bezerra, 2017).

Conceitualmente, “a mobilidade pendular diz respeito ao movimento realizado por indivíduos que se deslocam regularmente (especialmente o diário) do domicílio de residência até onde trabalham ou estudam” (Lobo; Cunha, 2017, p. 02). A base do conceito parte de uma dinâmica histórica da necessidade dos povos de deslocar-se diariamente para cidades próximas com poder de influência para acessar serviços e estruturas que seus municípios não oferecem.

Os imigrantes deixam sua residência, ponto de origem, em busca de serviços básicos no ponto de destino. É uma dinâmica que acontece a algum tempo e reflete na condição espacial dos municípios. Se forem levantados dados dos grandes setores econômicos da economia, os municípios pequenos interiorizados devem apresentar alto percentual de repasses do governo, administração pública e em alguns casos, a concentração de agropecuária. Por outro lado, as atividades do terciário moderno como comércio, serviços, consumo, assistência médica e ensino superior, estão concentradas nos grandes centros, reafirmando, portanto, a necessidade do fluxo pendular.

Em uma segunda aproximação conceitual, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), trabalha com a perspectiva que a migração pendular brasileira estava muito associada à expansão das metrópoles e suas áreas de influência, centralizando cada vez mais o mercado de trabalho. Por isso, o movimento pendular envolve as diferentes ações do dia a dia dos indivíduos, trabalhar e/ou estudar. Até determinado momento, de fato a população estava concentrada nas metrópoles, mas a expansão das políticas públicas transversais pelo território, foram responsáveis, em alguma medida, pelas novas dinâmicas econômicas, como a migração pendular. Assim,

[...] a mobilidade pendular compreende, portanto, um fenômeno que se manifesta e se materializa no tempo e espaço, resultado de uma estrutura social e econômica que se reproduz em diferentes conjunturas políticas. Analisar a dinâmica da mobilidade pendular envolve a investigação de relações que se estabelecem em diferentes escalas - local, regional, nacional (Lobo; Cunha, 2017, p. 02).

Essa nova produção do espaço é a materialização dos fluxos pendulares em diferentes escalas. A urbanização do território passou a aproximar novos arranjos urbanos, a partir das necessidades de consumo do capitalismo. As novas rotas ressurgem e ressignificam pela expansão do terciário moderno, que a partir de uma centralidade, formam as regiões de influência.

Pensada a base teórica conceitual, se faz necessário refletir sobre as novas rotas migratórias



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

na rede urbana interiorizada, na próxima seção.

3 NOVAS ROTAS MIGRATÓRIAS INTERIORIZADAS

Bezerra (2016) ao utilizar a categoria de rede urbana interiorizada, levou em consideração os municípios de três níveis, centros sub regionais, centros de zona e centro local. São espaços caracterizados com baixo quantitativo populacional, poucas estruturas de serviços e baixa representatividade na dinâmica urbana regional. Porém, os centros sub regionais já conseguem manter certa centralidade em relação aos níveis inferiores, mantendo um fluxo pendular.

Na tabela 01 é possível perceber os níveis hierárquicos de classificação da REGIC em todo território nacional.

Tabela 01: Classificação dos níveis hierárquicos da REGIC (2007- 2018)

NÍVEL	Nº DE MUNICÍPIOS (2007)	Nº DE MUNICÍPIOS (2018)
Metrópoles	12	15
Capitais Regionais	70	97
Centros-Sub Regionais	139	352
Centros de zona	556	398
Centro local	4.473	4.037
Total	5.250	4.889

Fonte: Regic (2007; 2008).

Após anos 2010, às políticas públicas transversais que adentraram o território nacional, começa a fazer efeito na rede urbana interiorizada. A expansão do terciário moderno e as novas formas de consumo redefine a forma de entender a economia de alguns municípios, resultado em alguns casos, da tendenciosa diminuição do setor agropecuário e rápido aumento dos serviços, principalmente com a interiorização do ensino superior.

A classificação de 2007 mostra um pequeno aumento nas metrópoles, capitais regionais e centros sub regionais, e uma diminuição nos centros de zona e locais. Isso representa que novas centralidades foram formadas na última década, com destaque aos espaços interiorizados, portanto, serviços que dependiam dos grandes centros, já é possível acessar serviços em centros próximos.

O aumento das centralidades urbanas, significa portanto, que as novas rotas e fluxos migratórios começam a ser traçados na urbanização do território. Então, pode-se evidenciar que a mobilidade de fluxos diversos em curso no país, tem se constituído em uma rede, uma teia emaranhada interligando cidades de diferentes funções urbanas e regionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a discussão das novas rotas migratórias envolve uma série de categorias de análise, partindo do urbano até a urbanização do território. Porém, é um tema atual que necessita de



RECALCULANDO A ROÇA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

continuação dos estudos para conter resultados mais concretos. A classificação da Regic, que considera os níveis de articulação com informação, pessoas e mercadorias, é essencial para entender como os municípios ganham representatividade na rede urbana interiorizada.

Não obstante, entendemos que as novas rotas começam a aparecer, e a dependência do interior-metrópole começa a se distanciar e aproximar o que podemos chamar de cidade-região. A interiorização das atividades terciárias dinamizam a rede urbana, novos fluxos começam a aparecer e se intensificar, são novas rotas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Larissa Ferreira; DANTAS, Joseney Rodrigues; SOUZA, Gilton Sampaio. Dinâmica urbano-regional em territórios de fronteira interna. **Mercator**, Fortaleza, v. 17, fev. 2018.

Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/2051>> . Acesso: 25 fev. 2025.

BEZERRA, Josué Alencar. **A cidade e região de Pau dos Ferros**: por uma geografia da distância em uma rede urbana interiorizada. 2016. 429 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Centro de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em:

https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4188953 . Acesso: 08 fev. 2025.

BEZERRA, Josué Alencar. Cidade-região sob as coexistências do território. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 37, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/49148>.

Acesso em: 11 ago. 2025.

FELIPE, José Lacerda Alves. **Rio Grande do Norte**: uma leitura geográfica / José Lacerda Alves Felipe. - Natal, RN: EDUFRN, 2010. 152 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo demográfico**.

Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html> . Acesso: 07 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias** :Coordenação de Geografia. - Rio de Janeiro : IBGE, 2017. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html> . Acesso: 11 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Reflexões sobre o deslocamento populacional no Brasil**. Estudos e Análise: Informações demográficas e socioeconômicas. Organizadores: Luiz Antônio Pinto de Oliveira; Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9159-reflexoes-sobre-os-deslocamentos-populacionais-no-brasil.html> . Acesso: 16 mar. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões de influência das cidades** : Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro : IBGE, 2018. 192 p. Disponível em:



RECALCULANDO A ROTA NA (DES)FRAGMENTAÇÃO GLOBAL PRODUTIVA

26 a 29 de novembro de 2025

<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html>. Acesso: 16 mar. 2025.

LOBO, Carlos; CUNHA, José Marcos Pinto da. Migração e mobilidade pendular nas áreas de influência de metrópoles brasileiras. 2017. **Mercator** (Fortaleza), 18, e 18017. Disponível: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e18017>. Acesso: 12 mar. 2025.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Unesp, 2008.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do Século XXI. In: **Do meio natural ao meio técnico científico e informacional**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 471p. – pág. 31 -63.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. Geografia Contexto. 2008.